

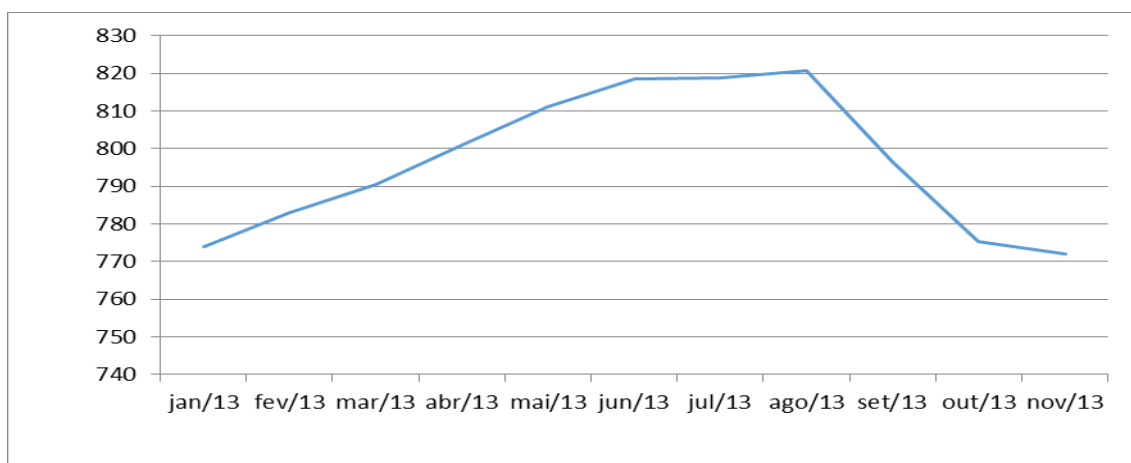
INCERTEZAS DEIXAM MERCADOS APREENSIVOS E NEGÓCIOS FLORESTAIS ATUAM PRÓXIMOS DA ESTABILIDADE

A análise conjuntural do Centro de Inteligência em Florestas (CI Florestas) deste mês de dezembro de 2013 revela que, com dados referentes a outubro-novembro, os principais segmentos florestais brasileiros apresentaram-se com certa estabilidade, considerando-se os altos e baixos das economias mundiais e nacionais durante o ano de 2013. Apesar de apresentarem desempenho relativamente estável, em vista das oscilações dos negócios durante este ano, para 2014, as expectativas são favoráveis, embora haja certa apreensão por parte de alguns segmentos do setor.

Segmento de Celulose e Papel

De janeiro a novembro de 2013, observou-se no segmento de celulose e papel brasileiro, pequena redução nos preços, aumento das exportações de celulose e redução nas exportações de papel. No referido período, observou-se uma redução média de 0,01% ao mês nos preços da celulose de fibra curta, em São Paulo, sendo que os preços aumentaram, em média, 0,8% ao mês, de janeiro a agosto de 2013, e reduziram 2%, de setembro a novembro de 2013 (Figura 1).

A crise na Europa, principal destino das exportações brasileiras de celulose, com cerca de 45% do total, e a desaceleração econômica na China, responsável por outros 26%, têm atrapalhado o crescimento do consumo mundial. Com a oferta maior do que a demanda, ocorreu uma queda das cotações, como previsto no início do ano de 2013.

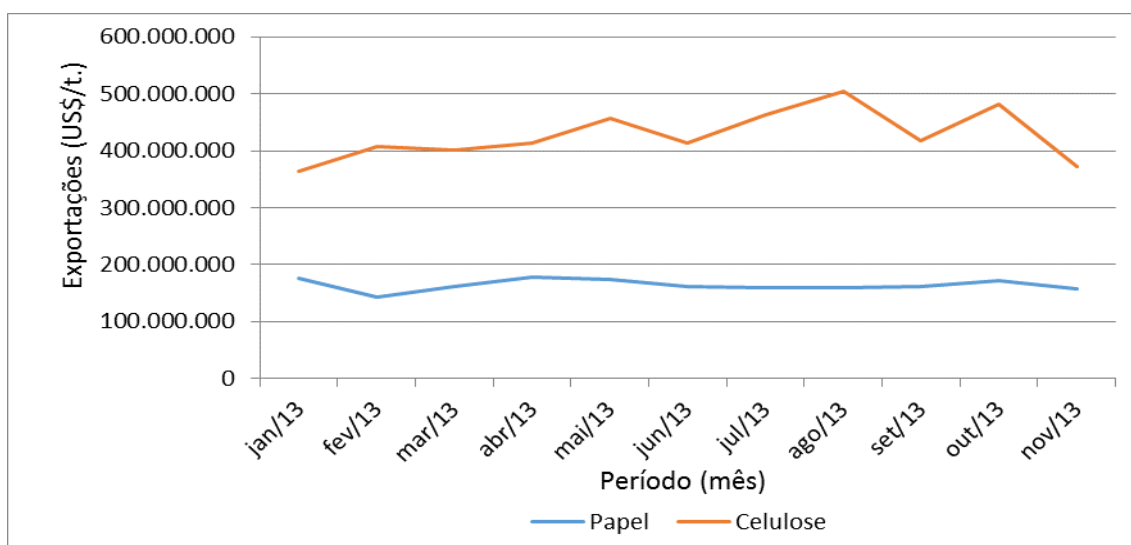


Fonte: CEPEA (2013)

Figura 1 – Preço da Celulose de Fibra Curta, em São Paulo, Janeiro a Novembro de 2013 em US\$/t.

As exportações de celulose aumentaram, em média, 1% ao mês, de janeiro a novembro de 2013, devido ao câmbio favorável, redução dos estoques internacionais e aumento da capacidade produtiva brasileira (Figura 2).

Já as exportações de papel sofreram redução de 1% ao mês, em média, nesse período (Figura 2). Segundo a Bracelpa, os resultados se devem à necessidade das empresas de reduzirem as exportações para poder atender ao mercado interno.



Fonte: MDIC (2013)

Figura 2 – Exportações brasileiras de celulose e papel, janeiro a novembro de 2013.

Para o ano de 2014, espera-se maior crescimento da produção e das exportações nacionais de celulose e papel, devido aos investimentos já realizados, bem como um possível aquecimento do mercado interno e daqueles tradicionalmente importadores desses produtos.

Além disso, são previstos novos investimentos no segmento de celulose e papel para o próximo ano. Mais R\$7,5 bilhões devem ser investidos no projeto de expansão da Eldorado Brasil. A segunda linha de produção está prevista para operar em 2017. Também é grande a expectativa da ampliação da Fibria.

Segmento de Madeira Processada

Neste mês de novembro de 2013, as exportações de madeira e derivados foram de US\$178,3 milhões, representando uma redução de 3,1% em relação ao mês anterior. Já as importações foram de US\$11,1 milhões, representando uma redução de 11% em relação a outubro deste ano. Esses números parecem indicar uma ligeira queda das atividades madeireiras em novembro. Portanto, o saldo na balança comercial teve uma diminuição de 2,5% em relação ao mês anterior, alcançando US\$167,3 milhões. No acumulado do ano de 2013, de janeiro a novembro, as exportações totalizaram US\$1.824,0 milhões, apresentando um aumento de 5,9% quando comparado ao mesmo período do ano passado. As importações de janeiro a novembro de 2013 totalizaram US\$133,2 milhões e foram 14,5% inferiores ao mesmo período de 2012. Assim, o saldo acumulado da balança comercial de 2013 é de US\$1.690,8 milhões, 7,9% maior que igual período do ano passado. Esses números indicam uma pequena queda de atividade em novembro, mas um melhor desempenho das indústrias madeireiras ao longo de 2013, em relação ao ano anterior (Quadro 1).

Quadro 1 – Balança Comercial Brasileira para Madeira e Derivados (capítulo 44) de Janeiro a Novembro de 2012 e 2013, em 1.000 US\$.

Mês	2013			2012			Variação % entre os anos		
	Exp	Imp	Saldo	Exp	Imp	Saldo	Exp	Imp	Saldo
JAN	140.583	14.367	126.216	134.418	16.686	117.732	4,6	-13,9	7,2
FEV	151.817	10.851	140.966	153.952	12.331	141.621	-1,4	-12,0	-0,5
MAR	163.586	12.951	150.636	183.004	16.275	166.729	-10,6	-20,4	-9,7
ABR	178.206	13.252	164.955	155.764	10.721	145.043	14,4	23,6	13,7

MAI	179.158	12.496	166.662	163.124	13.694	149.430	9,8	-8,7	11,5
JUN	167.739	10.190	157.550	152.732	12.058	140.674	9,8	-15,5	12,0
JUL	163.027	11.330	151.697	158.419	13.959	144.460	2,9	-18,8	5,0
AGO	161.976	13.260	148.716	165.488	14.064	151.424	-2,1	-5,7	-1,8
SET	155.501	10.998	144.503	141.535	14.008	127.527	9,9	-21,5	13,3
OUT	184.082	12.448	171.634	156.210	16.920	139.289	17,8	-26,4	23,2
NOV	178.339	11.083	167.257	158.338	15.174	143.165	12,6	-27,0	16,8
Acumulado	1.824.015	133.224	1.690.791	1.722.984	155.891	1.567.094	5,9	-14,5	7,9
Varição % entre NOV e OUT	-3,12	-10,97	-2,55	1,36	-10,32	2,78			

Fonte: MDIC (2013), elaborado pelos autores.

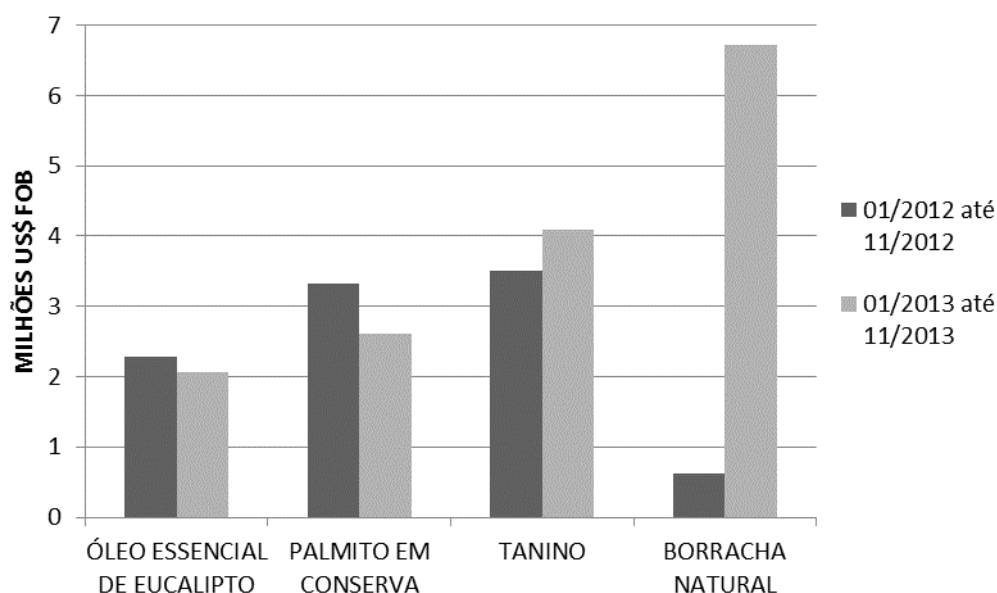
No Simpósio Madeira & Construção realizado este mês de dezembro, em Curitiba, destacou-se que a demanda e oferta por produtos florestais são crescentes. Segundo o engenheiro florestal João Mancini, sócio da Valor Florestal, as empresas devem se preparar para uma demanda maior no setor florestal - "Muitas empresas estão preocupadas com a questão da madeira estrutural com mais qualidade. Cada vez mais o setor florestal tem investido em mecanização florestal e, com isso, ganhamos em produtividade e diminuímos custos. As indústrias estão fazendo manejo florestal para proporcionar ao mercado produtos de maior valor agregado, que possam ser utilizados na construção civil". O engenheiro ressalta ainda que "quanto mais utilizarmos a madeira de floresta plantada, evitaremos os desmatamentos e as afrontas em relação às matas nativas. Precisamos promover o uso sustentável da madeira na construção civil. O setor florestal conta com muitas empresas que são consideradas modelos na preservação e conservação dos recursos naturais, na qualidade dos serviços, nas pesquisas, na produtividade, bem como no trabalho responsável junto aos trabalhadores do campo e comunidades regionais. A evolução da normatização dos produtos poderá aumentar a demanda pela construção civil. Dessa forma, o segmento da floresta plantada estará pronto para atender às demandas da construção civil, além das outras cadeias produtivas da madeira", completa João Mancini (Assessoria/Remade).

Produtos Florestais Não-Madeireiros

Neste ano, até o mês de novembro, as exportações dos produtos florestais não madeireiros foram de US\$157,9 milhões, o que representa uma redução de 24,8% em relação ao ano anterior. Ou seja, os valores alcançados tiveram uma diferença

expressiva, porém, os volumes (t) correspondentes pouco diferiram, sendo equivalentes a 36.049,4t em 2013 e 37.266,2t em 2012, o que representou uma diminuição em volume de apenas 3,3% dos seis produtos exportados (castanha-decaju, castanha-do-brasil, óleo essencial de eucalipto, palmito em conserva, tanino e borracha natural).

As exportações da castanha-do-brasil para este ano (US\$20,9 milhões) foram menores em 12,8%, quando comparadas às do ano passado (US\$24,0 milhões). Em relação às exportações de palmito, óleo essencial, tanino e borracha natural (Figura 3), destaca-se mais uma vez a exportação de borracha natural para 2013 (US\$6,7 milhões) que foi muito superior ao ano passado (US\$618,6 mil) para o período analisado. Esse aumento significativo pode estar associado ao estímulo do Governo, através de linhas de crédito como o Pronaf ECO Seringueira que beneficia pequenos produtores e membros da agricultura familiar.



Fonte: MDIC (2013), elaborado pelos autores.

Figura 3 – Exportações, em 1.000.000U\$S FOB, de Alguns Produtos Florestais Não Madeireiros no Período de Janeiro a Novembro de 2012 e 2013.

As exportações de óleo de eucalipto, de janeiro a novembro do ano passado, foram de US\$2,3 milhões, o equivalente a 137,7t. Neste ano, as exportações foram de US\$2,1 milhões, correspondendo a 127,1t, ou seja, 7,7% menor que no ano passado.

Nas importações, a borracha natural foi um dos produtos não madeireiros que mais se destacou nesse período, devido, principalmente, ao mercado consumidor crescente. Pensando em alternativas para o aumento da produção brasileira, identifica-se um alto potencial do Brasil, devido, principalmente, às grandes áreas disponíveis para plantio da cultura e ao domínio da tecnologia. No entanto, existem dificuldades e entraves ao desenvolvimento da heveicultura, como a oferta limitada de mão de obra qualificada, a legislação trabalhista inadequada para o agronegócio e a inexistência de políticas nacionais específicas.

Percebe-se nas duas últimas décadas um aumento contínuo, tanto na produção, quanto no consumo da borracha natural, no Brasil e no mundo. Pode-se concluir que esse cenário fortalece a cultura e pode indicar aumento das quantidades exportadas e importadas pelo Brasil.

Segmento Moveleiro

O segmento moveleiro, em novembro-dezembro, vem apresentando desempenho praticamente idêntico ao de meses anteriores, mantendo posição relativamente estável na produção, exportação e importação. A manutenção do emprego e do aumento da renda da maioria dos trabalhadores pode explicar parte do comportamento estável do mercado interno do setor moveleiro. Segundo a Confederação Nacional de Indústria (CNI), em outubro de 2013, os indicadores de desempenho, embora baixos, em torno de 1,5%, mostraram que houve pequeno crescimento da indústria, tendo o segmento de móveis apresentado resultados semelhantes.

Com relação ao mercado externo, a valorização da moeda americana não foi suficiente para manter o crescimento das exportações de móveis em novembro de 2013. Essas tiveram uma queda de 11% em relação aos valores exportados no mesmo mês de 2012 e queda de 8% em relação aos exportados no mês anterior, ou seja, outubro de 2013. Já no acumulado, de janeiro a novembro, tanto de 2012, quanto de 2013, as exportações, praticamente, se equipararam num patamar de US\$400 milhões, não havendo nenhum avanço significativo. Alguns estados têm conseguido superar outros na competição pelas exportações, como é o caso do Rio Grande do Sul, que vem liderando no *ranking* brasileiro de exportação de móveis. No entanto, no conjunto, essas pouco se alteraram. Segundo o presidente da Associação das Indústrias de

Móveis do Estado do Rio Grande do Sul (MOVERGS), Ivo Cansan, essas carecem de incentivos para poderem ampliar sua competitividade no mercado e explicou que “exportar é um trabalho de longo prazo e que requer muita persistência. O RS tem conseguido manter sua posição de liderança no *ranking* em função dos diversos diferenciais que agrega aos seus móveis, para compensar a alta carga tributária que é embutida nos produtos, além dos incentivos governamentais. Esse panorama está ameaçado com o fim do Reintegra. Por isso, temos trabalhado pela manutenção do benefício, que devolve às empresas exportadoras 3% dos valores dos produtos, pois sabemos como é difícil conquistar e manter o mercado internacional”.

Em novembro, as importações brasileiras de móveis voltaram a cair em relação aos valores importados no mesmo mês do ano anterior, dessa vez em torno de 19%, além de queda de 26% em relação ao mês anterior, outubro de 2013. A taxa cambial pode estar afetando essas quedas, uma vez que a moeda americana continua bastante valorizada. No acumulado, de janeiro a outubro, as importações somaram cerca de US\$24 milhões, aproximadamente, sendo 6% menores do que o valor daquelas ocorridas entre janeiro a outubro de 2012 (Quadro 2). Essa tendência de queda no valor das importações parece temporária e deve reverter-se no momento em que o câmbio for mais favorável a essas importações. O aumento dessas, no entanto, representa uma ameaça para o setor, conforme ainda comenta Ivo Cansan: “nossas indústrias correm o risco de perder, inclusive, o mercado interno, caso haja diminuição das exportações e um avanço maior das importações. O governo afirma que a economia está em recuperação, mas nós sabemos de todas as dificuldades de competição que existem no comércio externo. É preciso pensar na manutenção dos postos de trabalho, que também estão ameaçados”.

Quadro 2 – Exportações e Importações Totais de Móveis de Janeiro a Outubro de 2012 e 2013 (1000US\$ FOB)

MESES	Exportações Totais		Variação	Importações Totais		Variação
	2012	2013	2013-2012	2012	2013	2013-2012
JAN	27.620	26.656	-3%	1.500	2.206	47%
FEV	33.067	32.286	-2%	1.922	2.192	14%
MAR	35.463	33.341	-6%	2.997	2.593	-14%
ABR	32.385	36.601	13%	1.040	2.903	179%
MAI	38.773	40.429	4%	2.882	1.109	-61%
JUN	36.281	35.658	-2%	1.651	889	-46%
JUL	37.196	38.831	4%	1.613	1.725	7%
AGO	45.289	39.054	-14%	2.088	2.025	-3%
SET	35.374	37.876	7%	3.128	3.022	-3%
OUT	39.336	41.480	5,5%	3.600	2.806	-22%
NOV	42.605	38.086	-11%	2.558	2.081	-19%
TOTAL	403.392	400.302	0,8%-	24.982	23.554	-6%

Fonte: MDCI (2013), elaborada pelos autores.

Segmento de Carvão para Siderurgia

O preço do carvão vegetal em novembro de 2013, referente ao preço médio para o Estado de Minas Gerais, segundo dados da Associação Mineira de Silvicultura (MAS), alcançou o valor de R\$517/t de carvão, aumento inferior a 1% quando comparado ao mês de outubro. A estabilidade da média de preços, foi impulsionada pelos preços das regiões de Divinópolis e Norte de Minas que se mantiveram estáveis (R\$510/t de carvão e R\$540/t de carvão respectivamente). A queda no preço na grande BH (R\$515/t) e o aumento em Sete Lagoas (R\$510/t) também ajudaram a manter a média de preço para Minas Gerais. No Espírito Santo, o preço se manteve estável na casa dos R\$530/t de carvão.

Segundo dados do Instituto Aço Brasil, a produção brasileira de aço bruto em novembro de 2013 foi de 2,7 milhões de toneladas, queda de 2,8% quando comparada com o mesmo mês em 2012. Em relação aos laminados, a produção de novembro, de 2,2 milhões de toneladas, apresentou alta de 2,4% quando comparada com novembro do ano passado. Com esses resultados, a produção acumulada em 2013 totalizou 31,5 milhões de toneladas de aço bruto e 24,2 milhões de toneladas de laminados, redução de 1,4% e aumento 1,9%, respectivamente, sobre o mesmo período de 2012.

Quanto às vendas internas, o resultado de novembro de 2013 foi de 1,8 milhão de toneladas de produtos, aumento de 3,7% em relação a novembro de 2012. As vendas acumuladas em 2013, de 21,2 milhões de toneladas, mostraram crescimento de 5,5% com relação ao mesmo período do ano anterior.

As exportações de produtos siderúrgicos em novembro de 2013 atingiram 622 mil toneladas (US\$438 milhões). Com esse resultado, as exportações em 2013 totalizaram 7,5 milhões de toneladas e US\$5,1 bilhões, representando declínio de 16,4% em volume e de 20,6% em valor, quando comparados ao mesmo período do ano anterior.

No que se refere às importações, registrou-se em novembro o volume de 305 mil toneladas (US\$ 335 milhões) totalizando, desse modo, 3,5 milhões de toneladas de produtos siderúrgicos importados no ano, redução de 1,2% em relação ao mesmo período de 2012.

Segundo o presidente do Conselho Diretor do Instituto Aço Brasil, Albano Chagas Vieira, e o presidente executivo, Marco Polo de Mello Lopes, as importações que hoje representam 31,5% do consumo interno, chegariam, em 2022, a nada menos de 57,9%. É claro que essa afirmação envolve certa futurologia, mas a entidade se baseou no que está ocorrendo há muitos anos: o Brasil perde poder de competição na indústria em geral e o aço não é exceção. Há pouco mais de uma década, o Produto Interno Bruto (PIB) industrial representava 25% do PIB total e, hoje, está restrito a 13%.

O consumo aparente nacional de produtos siderúrgicos, em novembro, foi de 2,1 milhões de toneladas, totalizando 24,6 milhões de toneladas em 2013. Esses valores representaram alta de 4,7% e 5,1%, respectivamente, em relação aos mesmos períodos do ano anterior.

Para fechar 2013, espera-se um aumento de 6,1% nas vendas do mercado interno. Segundo o presidente do Conselho Diretor e do presidente executivo do Instituto Aço Brasil, isso se deveu a expansão notável da indústria automobilística. Para 2014, cessarão incentivos aos veículos e a construção civil poderá ocupar esse lugar, com mais demanda por aço. O mês de outubro passado foi o de maior importação desde 2010. Com isso, a previsão para 2013, em relação a 2012, é de queda de 0,5% nas importações e redução de 14,8% nas exportações brasileiras. Para 2014, se prevê alta de 4,4% nas vendas internas, mas sem que se altere o ambiente de preocupação do meio siderúrgico diante da invasão estrangeira e das dificuldades

para exportação. Diante do quadro atual do setor siderúrgico, a expectativa para o preço do carvão em Minas Gerais nos próximos meses é de manter-se no patamar atual de mercado, ou seja, em torno de R\$103,00/m³.

Equipe Técnica do Centro de Inteligência em Florestas

Alberto Martins Rezende – Eng. Agrônomo, M.Sc. Economia Rural

Márcio Lopes da Silva – Eng. Florestal, D.Sc. Ciência Florestal

Naisy Silva Soares – Economista, D.Sc. Ciência Florestal

Altair Dias de Moura – Eng. Agrônomo, PhD. Agribusiness Management

Thaís Furtado Mendes – Gestora do Agronegócio, M.Sc. em Ciência Florestal

Camila Brás Costa – Eng. Florestal, M.Sc. em Ciência Florestal

* Permitida a reprodução desde que citada a fonte.